

A Torre de Babel e o Silêncio. Transgeracionalidade e semiótica numa família surda-muda de um surdo deficiente¹

The Tower of Babel and the Silence. Transgenerationality and semiotics in a deaf and dumb family of a deaf and deficient person

Thaís Enê Fagundes Silva²

Resumo: Neste estudo abordamos a importância do material transgeracional incluso no *aparelho psíquico individual* acessado no tratamento de uma família, onde a intolerância a diversidade e tendência à exclusão, alvacada no ordenamento transgeracional produz sofrimento com risco de morte. O olhar clínico vincular do caso compreende os espaços intra e intersubjetivos e demonstra que, numa família onde a diferença na comunicação, uma língua diferente, o sadio e o doente, definem espaços e lugares que não se toleram desborda para o impedimento da vida.

Abstract: In this study we approach the importance of the enclosed transgeracional material accessed at individual psychic device in the treatment of a family, where the intolerance to the diversity and trend to the exclusion, based in the transgeracional order produces suffering with death risk. The clinical look to tie of the case understands the spaces intra and intersubjetives and demonstrates that, in a family where the difference in the communication, a different language, healthy and the sick person, define spaces and places that are not tolerated, overflow for the impediment of the life.

Descritores: cisão, exclusão, compulsão a repetição e distúrbio de comportamento.

Keywords: split, exclusion, compulsion of repetition and disturb of behavior.

¹ Trabalho realizado em 2005.

²Psicóloga, Educadora em LIBRAS e Egressa do Curso de Psicanálise das Configurações Vinculares.

Neste estudo abordamos a importância do material transgeracional incluso no *aparelho psíquico individual* acessado no tratamento de uma família onde a diversidade interfere no sistema vincular, produzindo sofrimento, diversidade que pertence ao inconsciente vincular – que emerge nos ambientes vinculares dos pacientes. Examinamos como estas interpretações modificam, ampliam o curso do tratamento e também a escuta do terapeuta. O olhar clínico que compreende os espaços intersubjetivos e transubjetivo da família e do terapeuta é benéfico e transformador. O material pretende mostrar algumas nuances do cenário de uma família onde a diferença na comunicação, uma língua diferente, o sadio e o doente, definem espaços e lugares. O espaço familiar – que cada membro, membros ou a família toda ocupa - está submetido a uma série de variáveis, entre elas, de sobeja relevância, a econômica. Este espaço, objetivo, medido em metros quadrados e subjetivo, incapaz de ser medido sem o instrumento da introspecção e da empatia, nos dá dados sobre a organização inconsciente do grupo, a partir da transubjetividade e, também, nos fornece dados do modo como o mundo interno de um probando foi subjetivizado; isto é, o espaço também é uma forma de comunicação semiótica.

Família formada pelo pai, Carlos 52 anos, surdo, a mãe Heloisa, 56 anos, surda, Luís, 23 anos, surdo – o probando que motiva a busca de atendimento - Carolina, 21 anos, ouvinte, Vivian, quatro anos, ouvinte, filha de Carolina, a avó Eulália, 70 anos, ouvinte e o avô, marido da Eulália, também ouvinte, que mora em outra casa. A avó Eulália telefonou para solicitar atendimento devido aos problemas de Luís, seu neto surdo. Assinalou que já havia tentado vários profissionais e não tinha obtido resultados favoráveis com os atendimentos. Por ser surdo as pessoas não o entendem. Eulália compareceu com Luís. A avó diz que Luís se comunica em LIBRAS. Mas refere que não foi aceito em duas escolas especiais para surdos; sustenta que foi por preconceito. Embora tenha estudado por quatro anos em uma escola para crianças autistas. Lá aprendeu a utilizar o computador e faz muitas coisas nele. Atualmente estuda em uma escola que atende jovens com necessidades especiais, que evadiram e tem dificuldades de se manterem em escola com currículo regular.

No primeiro encontro a família chega com 20 minutos de atraso, a avó Eulália refere que se enganou de endereço e esta acompanhada do pai, Carlos, a mãe, Heloisa e Luís. No contato feito por telefone avisaram que viriam todos da família, mas Carolina, a irmã, não compareceu. Acomodam-se sentando pai, mãe, filho e avó, nesta ordem lado a lado.

Apresento-me, mas sem dar tempo para mais a avó toma frente – de modo bastante inadequado e intrusivo, demonstrando pouca crítica de regras

consensuais sócias e comunicacionais - *referindo o mesmo discurso feito na busca do atendimento. O motivo do atendimento insiste a avó é Luís, quem, sob o ponto de vista da família está doente, pois é agressivo, não se comunica; ninguém o entende. Luís apesar de algumas vezes ser carinhoso, apresenta-se com mudanças de humor, explosões que tornam difícil a vida da família.* Durante o tempo em que tento estabelecer alguma comunicação com a família Luís se mantém de cabeça baixa. Percebo que Luís não tem linguagem e não se comunica por LIBRAS, informação dada pela avó na entrevista de busca de atendimento que não procede.

Cada pessoa é uma, com seu mundo interno, seu psiquismo, pertencendo a um conjunto – familiar e social, que define seu lugar de sujeito que contribui para formar parte de sua identidade. Por outro lado, cada sujeito colabora para manter o funcionamento desse grupo na medida exata que se ocupa em cumprir o papel que o grupo lhe determina em troca da condição de sujeito do grupo. Piera Aulagnier (1979), expandindo o *Sobre o Narcisismo...* Descreve o contrato narcisista como os deveres que a criança terá necessariamente que cumprir em troca do investimento de que é objeto pela família. Winnicott nos disse que não há tal coisa como um bebê, somente uma mãe e um bebê; é o bebê que torna alguém mãe e pai. Sem alguém que lhe desse os cuidados primários, um bebê não seria capaz de sobreviver e, se um bebê tem uma deficiência, isto é ainda mais verdadeiro, só que a mãe terá de dar mais e receber menos provimentos narcísicos dada a deficiência do bebê. Para que os pais tenham o espaço emocional necessário para entender seu bebê e seu desenvolvimento, eles têm que entender primeiramente o impacto da deficiência neles mesmos.

Quando um casal, depois de conseguir o lugar do terceiro, após construir o vínculo matrimonial, esperam um bebê esperam que seu bebê seja, pelo menos, tão capaz, tão apto, tão inteligente como eles o são. A mãe, Heloisa, surda se comunica com LIBRAS, mas a avó não entende; a avó pergunta durante o atendimento o tempo todo: o que ela disse? E quando tento me comunicar com Luís ele repete todos os sinais que faço - não me entende, se falasse diríamos que é ecolálico. Luís não tem linguagem estruturada – capacidade lingüística, domínio sintático: uso de regras de base e transformacionais e organização morfofonêmica. Pior, evidentemente que não se esforça para se comunicar com algum recurso semiótico e, desde que não há autismo evidente, implica necessariamente o diagnóstico de deficiência mental. Pensando sob o ponto de vista da lingüística estrutural, com Sausurre (1912), a língua se caracteriza como um sistema convencional e estável com um corte metodológico entre fala e língua. Fala é a realização empírica, que consiste em manifestações individuais e momentâneas, e a língua refere-se ao sistema supra-individual, ordenador das manifestações individuais da fala. A língua, enquanto sistema, abrange o nível de homogeneidade que inclui os fatos heterogêneos da fala. Este é um acontecimento individual enquanto que a língua precisa, para se estabelecer,

de pelo menos dois falantes. *Assinalo que ele está repetindo e a mãe diz em LIBRAS que ele é muito difícil para aprender, que ele não sabe sinais, nunca aprendeu e não consegue aprender. Difícil, difícil. Só ela e o pai e às vezes a irmã utilizam sinais.*

"Considerar o doente mental isoladamente é receber e induzir as mesmas respostas fixas e repetitivas; podemos considerar que elas são resultado do isolamento do doente mental do seu grupo psicossocial, do qual faz parte e com quem se relaciona tanto na saúde quanto na doença"(Berenstein, 1998).

Durante a entrevista o pai se manteve em silêncio, alheio ao que estava se passando; pouco interagiu, ficou de braços cruzados o tempo todo, o que para um surdo é como fechar a boca. Isto pode ser considerado uma forma de comunicação. A mãe, sempre que eu direcionava o olhar para ela, sentia-se à vontade para se expressar. Muitas vezes a avó interrompia, pois não entendia o que a nora estava comunicando. Tinha que traduzir. Existe dificuldade de comunicação, de se trocar informações por não se ter uma língua comum, e dentro de casa; com uma diferença. A família está cindida entre três elementos surdos e três elementos. Mas Luis está fora inclusive da cisão que já seria normatizante, pois ele, além de surdo, não ouve com a mente – é deficiente mental.

Se pensarmos que

"o ato comunicativo é a menor unidade de intercâmbio emocional e de linguagem entre dois seres humanos, por meio do qual são dados a conhecer os significados e os sentidos próprios de seus estados mentais. O mal entendido é uma disfunção do processo de comunicação... gera uma vivência que pode ser de um grau mais leve, registrada como uma desilusão, até os casos mais virulentos, como uma vivência de dano mental, devido ao aparecimento de impulsos violentos..." (Puget & Berenstein, 1994),

Fica evidente que a experiência do cotidiano familiar de Luís encontra-se cindida, dificultando o estabelecimento de vínculos representativos, da experiência empática de completude, aceitação, reconhecimento e contraste inovador própria da presentificação nos vínculos familiares. *O motivo que acentuou o "comportamento de Luís" segundo a família coincidiu ao nascimento de sobrinha, Vivian, filha de Carolina, sua irmã. Desde que Carolina teve a filha a situação em casa ficou muito pior, ele, Luís, não aceita a Vivian, não fica no mesmo espaço que ela, não usa mais o computador, pois este fica no quarto da Carolina e ele só entra quando a irmã não está em casa. Heloisa tem receio que o filho machuque a neta, pois*

ele não tolera se aproximar dela. Quando Vivian chega da creche junto com a Carolina, ele dramatiza como se tivesse chutando algo; mostra desprezo e não fica no mesmo espaço que a sobrinha. Isto deixa a todos muito angustiados e aflitos.

"Encontramos regras que definem o sadio e regras que definem o doente, regras que definem a normalidade e a anormalidade e outras que definem a adaptação e a desadaptação. A definição explícita do problema mostra a "família" do doente mental" como sendo um sistema dividido em sadios e doentes, embora esta última categoria esteja ocupada por um só membro da família. A família queixa-se de que o "doente" é a causa do desequilíbrio familiar (Berenstein, 1998) ".

Freqüentemente existem sentimentos difíceis de lidar entre os cônjuges, quando nasce um bebê com dificuldades como Luís. Um bebê é um produto conjunto e os parceiros esperam que o melhor de si entre na receita. Quando o bebê vem para o mundo externo com algum dano, os parceiros podem inicialmente sentir-se humilhados pelo fantasma de que algo danificado neles possa ter sido passado adiante. Se estes sentimentos não são compartilhados e não se pensa sobre eles, o ferimento narcísico persistirá até se derramar em escapes agressivos ressoadores do sofrimento e da dor.

A surdez de Carlos, pai de Luís, foi uma situação difícil para seus pais lidarem. Os pais de Carlos, avós de Luís e Carolina, sempre viveram nesta casa quando estavam casados. A separação dos avós de Luís se deu quando este estava com 17 anos após longo litígio e acusações mútuas num fundo de ferimento narcísico. O pai de Carlos, nunca aceitou a surdez do filho. Não era permitido usar a LIBRAS em sua casa, Eulália, avó de Luís não sabe sinais. O diferente não é tolerado. Mas a punição retorna numa nova exclusão: Ninguém e refere a este avô pelo nome! Embora não se fale dela, a vergonha, é o sentimento dominante nesta família. Ela se expressa de muitos modos, inclusive por defesas contra ela, mas desborda em ódio na privacidade. Certamente, outra fosse a abordagem destas diferenças na cultura, este sentimento catastrófico de humilhação, culpa por fatores absolutamente relacionados ao acaso, seriam minorados. Nossa cultura ainda se comporta com um fundo de tradição grega, que jogava dos penhascos os bebês doentes.

Carlos não era o bebê esperado, com também Luís não era o neto esperado pela avó, o encontro com o impensável desestabiliza. O psiquismo da família não tolera a morte simbólica desse bebê tão sonhado. Morte também de uma imagem dos pais que eles deviam desejar ser. As marcas orgânicas de um bebê marcam as mães, o casal bem como também o bebê.

"Se não colaborarmos rapidamente com a família, esta inconscientemente reorganiza sua própria economia psíquica sustentando a ilusão de que o tempo não passa e esse filho pode começar a funcionar como eterno bebê, o pobrezinho a quem os pais e os irmãos estão obrigados a atender pelo resto da vida promovendo fantasias de que essa pessoa é necessária ser cuidada para sempre. Este lugar tão especial que ocupa a pessoa com deficiência mobiliza sentimentos ambivalentes na família, nas escolas e em outras instituições da sociedade (Schorn, 1997)".

Carlos estudou em escolas regulares, nunca em escola especial, onde acabou não conseguindo concluir seus estudos. Tem uma boa oralização, apesar de atualmente usar sinais. Tem um irmão mais novo que é ouvinte. Após seu casamento com Heloisa, o casal passou a morar com a sogra, pois quando casaram, não tinham condições econômicas para se assumirem sozinhos. O trabalho que mantém até hoje, não possibilita a saída do casal dos cuidados da sogra. Carlos não consegue ocupar o lugar de pai, pois ainda se encontra no lugar de filho; mora com a mãe, depende do dinheiro dos pais para sustentar sua mulher e filhos, submisso ao que é determinado pela mãe. O fato de não conseguir prover sua família não lhe autoriza ocupar seu devido papel o que é percebido pela filha. A circulação do dinheiro determina que tem o poder de lei na casa.

O pai não parece pai, é mais um amigo, não sinto ele como pai... Carolina dá como exemplo que ela tem mais medo da avó com relação a alguma coisa que faça de errado do que com os pais. A casa pode estar desmoronando que o pai não está nem aí. O pai é alheio às coisas que acontecem ao seu redor, bastante afetuoso, no entanto. Ao contrário do pai, a mãe de Luís, Heloisa consegue desempenhar seu papel de mãe de uma forma mais definida, enfrenta o filho e tenta colocar limites. A avó diz que ela só tem que se preocupar com relação a refeições, lanchinhos, coisas leves, pois tem uma empregada na casa para colocar tudo em ordem, o serviço pesado, limpeza. Não tem que se preocupar com dinheiro. Deixa bem claro que mantém a casa, pois com o salário do filho eles não sobreviveriam. O que ele faz com o salário dele, dá presentes, o aparelho de som da filha, um tênis, um dinheiro pro cinema é só isso. Sustenta a família com a pensão do marido que era alto funcionário de uma organização estatal. Ela até já fez empréstimo e ele nem sabe, pois não poderia ajudar a resolver o problema isso só eu posso resolver!

A fala embebida de poder, principal ficava a cargo da avó, para quem as coisas estavam tudo bem e o único problema era o comportamento do

neto Luís com a bisneta Vivian. Já Carolina diz que *a vida da família está muito desorganizada e estão todos sempre muito tensos, principalmente à noite quando estão todos em casa. As portas dos quartos permanecem fechadas, pois existe um receio de que Luís machuque a sobrinha.* A família não pode ficar junta num mesmo espaço. A avó diz que se eu quisesse poderia ir até a casa para ver como as coisas estão por lá, claro que isto seria pago sem problema. Proponho para a família, um possível encaminhamento para que Luís seja avaliado sob o aspecto cognitivo em função das informações que foram trazidas pela família da dificuldade dele em compreender as solicitações, as nossas comunicações e a estruturação de linguagem.

Comparecem os pais Carlos, Heloisa e Luís. A mãe inicia sinalizando, comunicando que *a avó não veio porque estava com cara de brava, não sabe porquê.* O pai diz que *nem chegou a ver a mãe, pois chegou do trabalho, pegou o carro e vieram direto para a consulta.* A mãe se coloca disponível para fazer o psicodiagnóstico de Luís e acha que se eu acho importante ela também acha, o pai também demonstra que não teria nenhum problema de fazermos a avaliação. Eles se sentem muito aceitos por poderem se comunicar comigo em LIBRAS, assinalo, e, também, porque compreendo as divisões que aconteceram na família de jeito a que as pessoas não podem conviver juntos.

"Intercambiar um significado pressupõe compartilhar um código... o ato comunicativo é veiculado através da linguagem falada, sempre precedida ou acompanhado pela linguagem gestual, de acordo ou não com as palavras... O ser humano vive em um mundo no qual recebe e emite linguagem e sua comunicação como emissor cria um receptor de significados... (Puget & Berenstein, 1994)".

O pai coloca que Luís nunca foi muito sociável, sempre ficava mais isolado, não só fora de casa como também em casa. Não participa junto quando a família está vendo televisão, por exemplo. O pai refere que quando ele sai às vezes ia junto, mas que agora não demonstra interesse em sair. Aproveito o tema e pergunto sobre o avô, que até então aparece como se não existisse. O pai de Carlos fala *que seus pais estão separados há mais de 30 anos, que mantêm contato, mas não com muita frequência. O avô não se comunica em LIBRAS e nunca permitiu que ninguém na família fizesse isso. Carlos fala que seu pai nunca aceitou ter um filho surdo, por isso nunca permitiu que se utilizasse a língua de sinais em casa. Sempre foi muito rígido com os dois filhos.*

Segundo Berenstein *pertença* é o reconhecimento de que o indivíduo pertence a uma cultura, a uma família e marca um lugar de identidade que vem do contexto social. É um sentimento do outro de que *"eu pertenço"*.

"A constituição do eu como sujeito de pertença parece monopolizar a investidura narcisista e, por isso, adquire tanta importância. Pode ser de difícil conciliação e conter aspectos, provavelmente, insemantizáveis, para os de outra pertença, em quem se projeta a hostilidade por sentir a diferença como algo que há de ser eliminado, ou algo pelo qual se pode ser eliminado (Berenstein e Puget, 1997."

O tipo de comunicação nesta família estabelece uma oposição entre *sadios* e *doentes*, *ouvintes* e *surdos*. A língua faz a grande diferença, pois se diferem a estrutura do pensamento com os significados, valores e, portanto, os ideais - conforme Freud, resultante da convergência do narcisismo-idealização do Ego e das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos. Aulagnier (1979), descreve o contrato narcisista como os deveres que a criança terá necessariamente que cumprir em troca do investimento de que é objeto pela família. Terá a missão de perpetuar a cadeia geracional, garantir a identidade familiar e fortalecer seu narcisismo. Terá a carga de retomar e transmitir os enunciados históricos familiares, mesmo que em certas ocasiões tenha de abrir mão de sua coerência psíquica quando estes enunciados encontram-se em contradição com suas percepções internas ou externas.

Assim, a questão da transmissão psíquica está posta em cada nova geração, tanto do ponto de vista do sujeito como do ponto de vista do grupo. Nenhum pai está preparado para receber um bebê com uma marca, seja ela qual for, esta é uma realidade que eles não esperam. A marca não é só para a criança, é sim para toda a família, assim como não há duas famílias iguais não há dois pais iguais. A mãe, antes de encontrar-se com o filho, encontra um corpo, e esse corpo poderá ser o esperado, sonhado ou não, mas é somente a partir da libidinização que ele poderá se tornar um filho. Aulagnier diz: *"o nascimento de um bebê implica num risco na relação"* e sempre será uma incógnita o encontro da mãe com esse bebê que vai nascer.

Por isso podemos pensar que as marcas orgânicas de um bebê marcam, sobretudo as mães, o casal de pais mais que o próprio bebê; não é o bebê que se percebe como deficiente, é sua mãe que o olha como deficiente ou não. Desta perspectiva, não é difícil o entender o comportamento de Luís, que quer excluir Vivian, a ouvinte recém chegada, exatamente conforme a dor que viveu, excluído: compulsão a repetição. É interessante observar que, mesmo num surdo deficiente aparecem os avatares da transmissão psíquica só que, francamente desdiferenciada, no concreto. O distúrbio de comportamento de Luís é um exercício semiótico; a explicitação de morte ao bebê recém chegado, ressonância, subjetividade ancorada no vínculo que lhe excluiu, normatizado na proibição à exogamia, não reconhecimento da diferença entre gerações, exclusão da sexualidade e

da criatividade. De onde virá esta intolerância à diferença, ao diferente que aparece inclusive na exclusão do nome do avô que excluiu o filho e cujo neto exclui a bisneta?

Referências bibliográficas

- 1.AULAGNIER, P. a violência da interpretação. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1979.
- 2.BERENSTEIN, I. Família e doença mental. São Paulo, Editora Escuta, 1988.
- 3.BERENSTEIN, I. Psicoanalisar uma família. Buenos Aires, Paidós, 1996.
- 4.BERENSTEIN I. & PUGET, J. Psicanálise do casal. Porto alegre, Artes Médicas, 1994.
- 5.BERENSTEIN, I., PUGETO, J. Lo vincular clinica psicoanalitica, Buenos Aires, Piados,1997.
- 6.SCHORN, M. El niño el adolescente sordo: reflexiones psicoanalíticas. Buenos Aires, Lugar Editorial, 1997.
- 7.SCHORN, M. Discapacidad: una mirada distinta, una escucha diferente. Buenos Aires, lugar Editorial, 1999.

Endereço da autora: thafagundes@yahoo.com.br